

Muito já se falou e escreveu sobre o tema **Subjetividade e Modernidade**. No entanto, a presença inquietante e provocativa desta relação insiste em manifestar surpresas que atropelam e subvertem a linearidade do discurso construído em bases racionalistas e positivistas sobre esta temporalidade histórica. Revela-se a necessidade de uma revisão dos fundamentos deste discurso, que ao instrumentalizar a relação entre subjetividade e modernidade banaliza o humano, não penetrando nos meandros de sua complexidade e diversidade, e que sob a denominação de globalização, movimenta compulsivamente o consumismo pela propaganda, diluindo o sujeito em nome das “liberdades individuais”. Assim, a relação subjetividade e modernidade requer um debate.

Um debate que possa reposicionar o foco do olhar que opera produções onde a subjetividade fica oculta no coletivo, subordinada ao imperativo social da propaganda, e/ou das majorias, presa ao olho escondido e anônimo atrás da câmera que acompanha dissimuladamente seus movimentos particulares, disciplinando-os. Onde por outro lado, a subjetividade se dissipa como individualidade autônoma e resiste a qualquer laço social e compromisso com o outro, mantendo-se sem referências para se conter numa inscrição social em direção ao futuro, que desse modo se apaga.

Existe nestas produções uma demanda a ser reconhecida... Estas dissipações nas quais o sujeito se fragmenta numa existência sem sentido, colocam em questão o reconhecimento do ato educativo, como ato simbólico de inscrição social deste sujeito. Desse modo colocam em questão a própria continuidade da vida social e humana.

Visando reposicionar o foco de olhar sobre a subjetividade na modernidade, **Educação e Subjetividade** inicia seu percurso.

Rita de Cassia B. B. Barroso Linkeis situa no nascimento da modernidade o conceito de sujeito que provocou transformações na

educação diante de novas necessidades econômicas, sociais e políticas. Antônio Joaquim Severino escreve sobre “Conhecimento, Subjetividade e Ideologia”, apontando como a prática ideológica eclípsa a subjetividade e invade o conhecimento, que assim deixa de ser uma possibilidade de transformação humana e social.

Bethania S. C. Mariani apresenta a concepção de sujeito na psicanálise, que através da linguística pretende romper as cristalizações oriundas de uma teoria da subjetividade baseada na noção de indivíduo, inaugurando uma outra posição subjetiva descoberta por Freud: a do sujeito do inconsciente, o avesso do discurso positivista no qual a modernidade científica se edificou.

Os artigos de Maria Luiza Andreozzi e Sandra Dias, baseando-se no conceito de sujeito inconsciente e sua articulação com a cultura, indicam uma outra forma de relação entre subjetividade e educação no sentido de estabelecer um diálogo entre psicanálise e educação. Christian Ingo Lenz Dunker distingue conhecimento de saber, reposicionando o saber em relação ao sujeito inconsciente, permitindo uma original articulação para a fundamentação de uma ética educativa.

José Maria de Oliveira Silva, situa e comenta a atuação de Manoel Bomfim, pouco conhecido nos meios acadêmicos, mas de relevante valor na história da educação da modernidade brasileira, por se constituir como pioneiro do movimento de implantação da Escola Nova no Brasil, ao lado de Lourenço Filho.

A Seção – Clássicos em Educação e Subjetividade – é inaugurada com a reprodução do artigo de Manoel Bomfim – “A Crítica da Escola Activa”, publicado originalmente na revista *A Academia da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro*, ano 4, número 6, de 1929. Nesse artigo Bomfim faz várias observações sobre a Escola Nova, permitindo a retomada de grandes temas ainda discutidos na atualidade, privilegiadamente a subjetividade na educação.

Finaliza-se este primeiro número da revista com a Seção – Relato de Experiências –, onde Arlete Assumpção Monteiro escreve sobre uma pesquisa onde se destaca a valorização da educação no contexto sócio-cultural de um grupo indígena migrante.

Maria Luiza Andreozzi